

ÁLBUNS DA CIDADE DE GOIÂNIA: UMA HISTÓRIA DA VISUALIDADE

Ma. Karinne Machado Silva
histka25@hotmail.com
Universidade Estadual de Goiás
UnU-Jussara

Considerando o aparente esgotamento do debate sobre as questões políticas que envolveram a transferência da capital do Estado de Goiás, a presente comunicação não se ateve a aprofundá-las ou a analisá-las sob a ótica estrita de uma história da política ou da economia regionais. Mas, pretendeu-se tomar a construção de Goiânia como uma trama que formou o contexto onde se insere uma valiosa produção visual da cidade. Visualidade esta, pautada nas novas questões impostas ao poder recentemente instituído – marcadamente do interventor Pedro Ludovico Teixeira –, agente produtor das imagens, na nova capital.

Além do contexto político, compreender a formação do espaço urbano de Goiânia e os artefatos iconográficos cultural e socialmente produzidos no período, significa levar em conta uma série de questões que estão sobrepostas e que se coadunam, como fontes paralelas, na interpretação do material imagético em estudo.

O tema da transferência da capital, transcorrido nos primeiros anos da década de 30, é imprescindível para melhor compreender o modo pelo qual a cidade de Goiânia foi construída, concretamente e simbolicamente.

A nova capital foi construída sob os auspícios da Marcha para Oeste. Movimento desenvolvimentista, liderado pelo Presidente Getúlio Vargas, que buscava conquistar e incorporar regiões brasileiras distantes dos grandes centros urbanos, as chamadas regiões fronteiriças.

Esta marcha condensou em seu movimento mitos integradores como nacionalidade, desenvolvimento e modernização que influenciaram tendências urbanísticas do período. Trata-se, portanto, de uma cidade pensada e planejada dentro de uma lógica de inserção da região no ideário de modernização nacional. Entre os estudiosos da história de Goiânia, todos

concordam que a sua construção representou, por assim dizer, um marco divisor de águas na história do Centro-Oeste.

A nova capital nasceu assim, sob o signo da modernidade e do progresso; negação do suposto atraso, que a antiga capital, Vila Boa de Goiás, representava. As justificativas, apresentadas para a transferência, centravam-se nas más condições da cidade que abrigava a capital e a emergência de uma nova cidade, capaz de fomentar o desenvolvimento econômico do estado. Os discursos oficiais e o planejamento urbano foram pautados pela antítese: modernidade e arcaísmo.

Vila Boa de Goiás: a construção da *imagem do atraso*

Pensar a transferência da então capital, Vila Boa de Goiás, significa inseri-la dentro da lógica do desenvolvimento econômico ascensional que o Estado de Goiás obteve no início do século XX. Desenvolvimento que só foi possível devido à construção da Estrada de Ferro Goiás, primeiro meio de transporte moderno que ofereceu condições para interligação da região com o Centro-Sul do país.

Além de incrementar a circulação de produtos para outras regiões do país, a ferrovia dinamizou as trocas comerciais intermunicipais, beneficiando principalmente as cidades cortadas pelos seus trilhos, localizadas nas regiões sul e sudoeste do estado.

Ao pensar a expansão da fronteira agropecuária inserida no movimento do mercado nacional, o historiador Barsanufio G. Borges a situa nos seguintes termos:

A interiorização da fronteira era fundamental para concretizar a centralização do poder político, criar um mercado interno e aumentar a produção de alimentos para atender a demanda das populações urbanas. Ou seja, o caráter arbitral das decisões do interventor [Pedro L. Teixeira], com relação à construção de Goiânia, apoiava-se tanto na política de conquista do Oeste, como nos interesses das novas forças econômicas e políticas emergentes no país. (BORGES, 2000, p. 74).

Desse modo, com o crescente poder econômico dessas regiões, facilitado pelos trilhos da estrada de ferro, grupos políticos originários das cidades em expansão começaram a reivindicar uma maior participação nas decisões políticas. Contudo, um dos maiores

obstáculos encontrados, era o consolidado poder da família dos Caiado, que por longa data governava o estado de forma autoritária e centralizadora.

Posicionavam-se de um lado, grupos do sul e sudoeste, que desejavam uma maior modernização econômica e uma mudança política, capaz de possibilitar a participação efetiva de seus políticos. De outro lado, os tradicionais grupos regionais, dominantes desde a Primeira República, defensores da permanência do *status quo* no cenário político e da manutenção do poder regional.

À medida que, o desenvolvimento econômico das regiões sul e sudoeste aumentava, maior distância se criava entre estas regiões e a antiga capital de Goiás. Atacar os líderes da política estadual tornou-se sinônimo de ataque a esta capital. Para o historiador Nasr Fayad Chaul,

Havia em Goiás – cidade e capital –, serviços de força e luz, rede escolar completa, serviços básicos de higiene e saúde pública etc., o que a destacava em termos de desenvolvimento urbano. Porém, havia um universo de acontecimentos que dava a impressão de que a capital havia se estancado no tempo: sem o crescimento dos serviços urbanos citados, sem uma mentalidade que seguisse as transformações pelas quais passava o país, sem dar mostras de que o progresso de todo o Estado era uma preocupação e a modernidade uma meta. A capital de Goiás estava, enfim, distante do capital. (CHAUL, 2001, p. 169).

Esse conturbado cenário político regional tomou rumos decisivos com a Revolução de 30. Apesar de não causar sérias mudanças sociais, esse movimento de centralização do poder em nível regional e federal, retirou do poder estadual grupos oligárquicos ligados à família dos Caiado e derrubou a ordem política que os sustentava. O segundo passo, e concomitante ao primeiro, foi a nomeação de Pedro Ludovico Teixeira ao cargo de interventor federal, pelo então governo provisório de Getúlio Vargas. Ludovico, um jovem intelectual, político, formado em medicina, aglutinou em torno de sua figura as forças dissidentes de grupos das regiões do sul e do sudoeste do estado.

Uma das suas principais plataformas políticas dizia respeito à transferência da capital. A pequena Vila Boa, construída com padrões da arquitetura colonial, com: ruas tortuosas; traçado urbano maleável e adaptável, como era comum nas cidades construídas para atender às exigências do período mineratório, já havia sofrido ao longo dos séculos XIX e início do XX

duras críticas de governadores, como Miguel Lino de Campos (1827), Couto de Magalhães (1863) e do governador Carlos P. Chagas (1930).

Administrações anteriores à década de 30 constataram que havia cidades goianas com melhores condições de atender às demandas de uma capital. Alegavam que havia municípios mais próximos à estrada de ferro e de mananciais de água e com melhores condições topográficas, terrenos mais planos do que a antiga capital, cravada nas serras.

Em virtude do perfil do homem que abrigava, das condições topográficas, do clima, da escassez de recursos naturais, em especial a água, Vila Boa não poderia oferecer, para os novos grupos políticos em ascensão, condições favoráveis para continuar a sediar a capital de um estado em vias de desenvolvimento.

Aqueles, favoráveis à transferência, alegavam que os custos para uma possível remodelagem da cidade, e a melhoria da infra-estrutura, como obras de saneamento básico, seriam altíssimos para os cofres públicos. Os investimentos nas transformações urbanísticas necessárias seriam bem mais onerosos do que uma possível transferência da capital.

A idéia de transferir a capital significava, na realidade, fundamentalmente, o deslocamento definitivo de poder. Isso porque, as oligarquias tradicionais tinham na cidade de Vila Boa a sede do poder estadual. Nessa cidade tinham o apoio político, econômico e social necessário à manutenção da autoridade e do poder de decisão. Mudar a capital era, assim, sinônimo de mudança de poder.

Desse modo, a construção de uma nova capital tornou-se o símbolo de um novo tempo. Tempo que deveria ser dirigido pelos grupos do sul e do sudoeste goiano, tendo à frente da política estadual e em plena consonância com o governo federal, Pedro Ludovico. Este imprimiria à nova capital a modernidade e o progresso necessários à inserção do Estado na economia nacional.

Os relatórios tanto de 1930-1933 quanto de 1939, ambos enviados a Getúlio Vargas, como forma de prestação de contas das despesas públicas e da administração local responsável por Goiânia, descrevem uma cidade completamente ausente de conflitos sociais inerentes ao espaço urbano.

Então, quais seriam as características da cidade de Goiânia, vista sobre o prisma dos relatórios? Uma delas, certamente, seria seu aspecto progressista. A nova capital estava fadada ao progresso e a inserir-se no tempodinâmico da modernidade. Como mostra o trecho seguinte:

Nascida em pleno descampado, projetada e edificada sob a mais rigorosa e atenta assistência técnica, dotada de todos os benefícios que a moderna ciência urbanista proporciona, Goiânia jamais sofrerá [referindo-se certamente a Vila Boa] os males das cidades velhas. Sua realização já é um fato concreto e o enorme potencial econômico do Estado, despertado nestes últimos anos, garantirá o seu desenvolvimento. (TEIXEIRA, 1939, p. 28).

Por intermédio da revisão dos relatórios administrativos, nota-se que a cidade foi apropriada ao discurso de Ludovico, enquanto resposta às suas intencionalidades políticas. Construí-la, dotar-lhe de um aspecto higienizador e moderno, significou colocá-la à frente do desenvolvimento do Estado. Deste modo, a cidade foi considerada como termômetro do desenvolvimento econômico.

Os relatórios administrativos e oficiais foram, durante a construção de Goiânia e nas décadas de 1930-40, acompanhar a confecção de álbuns que procuraram caracterizar Goiânia como uma cidade moderna. Além disso, as prefeituras do interior do estado utilizaram-se das imagens como forma de atestar a competência dos prefeitos.

Álbuns da cidade de Goiânia

A cidade de Goiânia não ficou atrás das outras capitais brasileiras que produziram álbuns de vistas urbanas. Evidentemente, por ser uma cidade nova, recém fundada, o número de álbuns foi menor que as séries produzidas em capitais como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. A qualidade também não alcançou o nível de aprimoramento técnico dos profissionais que atuaram nesses centros urbanos.

Apesar disso, consta no Museu da Imagem e do Som de Goiânia (MIS), que foram produzidos álbuns de significativa importância¹ para a constituição de uma visualidade da cidade nos primeiros anos de sua fundação.

Nesse sentido, apesar de não estar incluso no recorte temporal da pesquisa, seria um equívoco não mencionar o *Álbum fotográfico dos atos oficiais e comemorativos da fundação da cidade*, de 1942. Produzido durante as comemorações do Batismo Cultural esse álbum ocupa uma posição de destaque por ser uma expressão iconográfica do desejo do poder público, de estar sintonizado com o projeto da Marcha para Oeste.

Embora o foco dos álbuns esteja centrado nas vistas urbanas da capital, pode-se afirmar que era comum a prática, do poder administrativo dos municípios goianos², solicitarem a confecção de álbuns, com fotos de bailes de formatura, vistas das cidades, de autoridades locais e enviar para o governo do Estado. Prática que não esteve circunscrita apenas ao caso de Goiânia, mas também ocorreu em outras partes do Brasil. Transformou-se em um costume, a partir do fim do século XIX, das prefeituras enviar catálogos fotográficos para as capitais de seus estados.

É claro que os álbuns de Goiânia, na sua maioria confeccionados de modo rudimentar, alguns até mesmo encadernados com capas feitas de cartolina e com legendas escritas à mão (JORDÃO, 2002), não eram enviados apenas com o intuito de presentear Pedro Ludovico Teixeira – responsável pelo governo do Estado –, durante o período (1930-45), em que foi interventor do Estado. Por detrás disso, as prefeituras também ansiavam atestar a competência de suas administrações e o desenvolvimento dos seus respectivos municípios.

Produção e composição dos álbuns

¹ Em maio de 2006, cinco álbuns receberam tratamento de conservação e já integram o acervo do Museu da Imagem e do Som. Estes fazem parte das coleções do fotógrafo pioneiro Luiz Pucci (um álbum), do escritor goiano José Mendonça Teles (dois álbuns) e da coleção do Museu Estadual Professor Zoroastro Artiaga (dois álbuns).

² Segundo informações da diretora da equipe técnica do MIS, Stela Horta, além dos álbuns restaurados, existe ainda um número significativo de catálogos fotográficos dos municípios goianos que estão arquivados a espera de tratamento.

Em poucas palavras, o *Álbum de Fotografias sobre o Planejamento e Construção da Cidade de Goiânia*³ foi produzido sob encomenda do então interventor de Goiás Pedro Ludovico Teixeira. Este quis presentear o presidente da República, que na época era Getúlio Vargas, com o catálogo fotográfico do Estado de Goiás. Pode-se afirmar, de antemão, que sua circulação foi restrita às esferas do poder estadual e federal. A população goianiense não teve acesso ao álbum original.

O editor tem um papel fundamental na organização das páginas e na sequência de apresentação das imagens. Portanto, ele é o responsável pela narrativa visual presente na produção dos álbuns. Entretanto, no caso do Álbum de Fotografias sobre o Planejamento, não há nenhum registro do seu editor ou dos autores das fotografias, apesar da pesquisa ter identificado algumas autorias.

Com um total de setenta pranchas em preto-branco, dois textos de apresentação da cidade e uma dedicatória para o presidente, - escrita do próprio punho de Ludovico, com a data de 29 de dezembro de 1937-, o álbum Álbum de Fotografias sobre o Planejamento apresenta temas como: prédios da administração pública; residências para o funcionalismo público em fase de construção; fotografias aéreas; projetos urbanísticos; vistas urbanas; prédios da cidade de Vila Boa e, ao final, paisagens naturais da região.

Todas as pranchas contidas na reprodução do álbum apresentam má qualidade de impressão, de papel e de resolução, o que dificultou, em larga medida, a identificação de detalhes, de personagens e da composição visual do material. Mas, a pesquisa verificou que o problema não está circunscrito à reprodução.

Mesmo as fotografias pesquisadas diretamente de negativos do original, não apresentam boas condições. Ao que parece, em meados de 1937, a técnica do registro fotográfico e os meios de revelação não haviam ainda se aperfeiçoado, a ponto de produzir fotografias com contrastes e tonalidades mais nítidas.

Faz-se necessário, antes da análise pormenorizadas dos aspectos formais e históricos do material iconográfico do álbum, estabelecer algumas relações de intencionalidade com base na proporção quantitativa dos temas apresentados no álbum.

A predominância de fotografias de *Instituições e Locais Públicos*, com vinte e uma imagens, sendo dezesseis de edifícios de Goiânia (Palácio do Governo, Secretarias do Estado e o Grande Hotel) e cinco de edifícios de Vila Boa, indicam a preocupação de materializar a principal característica da nova capital: a de ser a nova sede administrativa do Estado.

Sobre este ponto, é importante frisar novamente que, ao contrário do que ocorreu com outras cidades goianas fundadas em torno de igrejas ou em entrepostos comerciais, Goiânia cresceu de um núcleo físico administrativo.

A própria configuração do plano do arquiteto-engenheiro Atilio, que garantiu a condição de eixo principal ao Centro Cívico, local que aglutinou os edifícios oficiais, para onde deveria convergir as principais avenidas centrais, demonstra o quanto a presença do poder político esteve presente no projeto urbano de Goiânia.

A sensação que se tem ao olhar o plano piloto da cidade é que todos os caminhos levam à Praça Cívica. O arquiteto-engenheiro esclarece que ao “[...] centro administrativo cabe-lhe a função de cabeça e de orientador. Sua política administrativa sempre vigilante será o coordenador e o estimulante para as atividades econômicas e sociais”. (Lima [19-], apud Daher 2003, p. 110).

A escolha do centro administrativo, como espaço fundador da paisagem, aponta para a importância do fortalecimento do poder Executivo, da centralização político-administrativa do Estado forte e autoritário, características do Estado Novo que acabaram por influenciar projetos regionais, como foi o caso de Goiânia.

A maior número de fotografias do centro vital da cidade, o núcleo de prédios que compõem o conjunto arquitetônico da Praça Cívica e demais prédios localizados na parte central da cidade, pressupõem privilegiar também a maior novidade que a nova capital apresentava ao estado e ao restante do país, em termos arquitetônicos: o estilo *art déco*.

Até aquele momento da construção de Goiânia não se tinha visto na região nada que se comparasse, em termos de arquitetura, aos novos edifícios públicos. A sensação de monumentalidade, trazida pelo *art déco*, intensificava ainda mais a novidade, posto que a população regional, e até mesmo nacional, estava educada e acostumada com a arquitetura

colonial. Desse modo, o *art déco* é considerado a grande novidade que a nova capital apresentava ao Estado e ao restante do país.

A valorização do novo também pode ser percebida através do recurso de comparação, evidenciado tanto no tema *Instituições e Locais Públicos*, como no tema *Vistas Panorâmicas*, – segundo tema com maior número de imagens - treze fotografias. Em outras palavras, nessas duas temáticas o editor do álbum estabeleceu que os mesmos edifícios fotografados em Vila Boa, deveriam também, ser fotografados em Goiânia.

Desse modo, na composição do álbum existe uma fotografia intitulada: **Palácio do Governo em Goiânia**, fixada na página 14 e na seguinte, aparece o extinto **Palácio do Governo em Vila Boa**. Outro exemplo é a vista panorâmica do **Grande Hotel**, na página 37 e a fotografia panorâmica da **Praça do Chafariz em Vila Boa**, fixada na página 39.

A comparação estabelecida pelo modo como as imagens são organizadas, ou seja, numa seqüência que sugere um *antes* e um *depois*, o primeiro símbolo da antiga capital e o segundo da nova capital, é um dos principais fios condutores de leitura do álbum.

O terceiro tema mais fotografado foi o das *Residências Planejadas*, com onze fotos. Estas residências, localizadas nas Ruas 15, 19 e na Rua 07 com a Rua 02, todas no Setor Central, tinham o objetivo de abrigar os funcionários públicos transferidos da antiga sede administrativa (Vila Boa de Goiás). Suas construções fizeram parte de um contrato fechado em 28 de setembro de 1933, entre o governo estadual e a firma P. Antunes Ribeiro e Cia. Contrato que também estabelecia o compromisso de construir os três principais edifícios para a transferência definitiva da capital, o Palácio do Governo, a Prefeitura e o Grande Hotel.

As residências planejadas pelo arquiteto-engenheiro Atílio Correa, sócio de uma das firmas responsáveis pelas construções da nova capital, representam uma exceção em relação às demais residências da época. Isso porque, a maior parte das residências de funcionários e operários da construção civil foi construída ao sabor do imprevisto, com materiais de construção de baixa qualidade e, sem planejamento integrado ao plano diretor da cidade.

Muito mais do que o registro do tipo de construção residencial pretendida pelo governo essas imagens procuraram indicar, juntamente com as fotografias de seus projetos,

agrupadas no tema *Projetos e Plantas*, o grau de planejamento e competência do conjunto de profissionais contratados para a execução das obras.

Na realidade, tanto a temática *Projetos e Plantas*, que soma apenas três imagens, quanto a temática, *Levantamento Aéreo*, com sete imagens, e a do *Plano de Urbanização*, com quatro imagens, num total de quatorze fotos, expressam o valor atribuído aos temas planejamento e controle do espaço urbano. Aspectos de suma importância para uma cidade construída sob o signo da modernidade.

Enquanto temas ligados ao poder administrativo e aqueles ligados ao planejamento urbanístico foram incisivamente fotografados, outros como o *Ensino e Espaços de Lazer* estiveram praticamente ausentes no álbum. Além de escassas, as duas únicas fotos que compõem o tema, não apresentam nenhuma idéia comparativa ou de superioridade referente à antiga capital. O que ratifica a idéia, de que Goiânia foi construída em torno da sede do poder. Uma capital que em primeiro lugar deveria atender às necessidades do governo estadual recentemente transferido.

Já o tema *Meios de Transportes*, um dos que menos recebeu importância em termos quantitativos, com apenas três fotos dos meios de transportes utilizados na primeira metade do século XX, também reforça a idéia comparativa ou de superioridade referente à antiga capital, dando ênfase na noção que se pretende estabelecer entre modernidade e atraso.

Dentre essas três imagens, uma é do transporte de mulas, comumente utilizado por habitantes de Vila Boa, e duas são de um avião da primeira empresa aérea, **VASP (Viação Aérea de São Paulo)**, a realizar escala de voo em Goiânia. Transportes completamente distintos e apresentados como estão no álbum, qualificam as duas cidades em que eles foram utilizados, como pares opostos.

A fotografia do transporte de mulas, fixada na página 62 e a do avião da VASP nas páginas 70 e 71, estabelecem a sensação de contraste e de superioridade entre os dois tipos de meios de transporte apresentados.

As últimas imagens do álbum referem-se ao tema *Paisagem Natural*, com sete fotografias do principal rio da região, o Araguaia, e da Cachoeira Dourada. Chama a atenção o fato dessa temática destacar a figura do índio e dos recursos naturais como elementos exóticos.

Além dessa perspectiva da natureza exótica, essa temática não guarda semelhanças de conteúdo com o restante do álbum, por serem imagens de paisagens naturais e não dos espaços urbanos de Vila Boa e Goiânia.

Para efeito de um prévio balanço das principais temáticas do álbum pode-se considerar que o interesse com a produção dessas imagens foi centrado em estabelecer parâmetros de modernidade, através da comparação entre a antiga e a nova capital e, do planejamento e construção de uma capital nos moldes das novidades do urbanismo, patrocinado pelo poder político. Procurou-se destacar Goiânia muito mais sob estes parâmetros do que evidenciar atributos da cidade como espaços de lazer, circulação de automóveis e transeuntes, retratos de autoridades – como era comum no período – ou, de registrar aspectos ligados ao cotidiano vivenciado na cidade.

A modernidade impressa no projeto da nova capital constituiu-se enquanto negação das condições urbanas da centenária Cidade de Goiás. A página 03 aponta para a idéia que norteia todo o álbum, a contraposição entre a antiga e a nova capital estadual. Vila Boa de Goiás e Goiânia foram cidades que anunciavam pares opostos: moderno-arcaico; novo-antigo.

Dentro da narrativa visual que elege Goiânia como uma cidade moderna em detrimento de Vila Boa, existe um exemplo interessante de comparação nas prancha 61 com a legenda **“Goiânia – Edifício do Automóvel Clube”** e prancha 62 **“Goiáz – O transporte na velha capital”**. As legendas nessa comparação, estabelecida pela seqüência de imagens e pelo tema selecionado, meio de transporte, são de fundamental importância para demarcar o que deve ser entendido como antigo, portanto, ultrapassado, e o que deve ser reconhecido como novo.



Imagem 1: “Edifício do Automóvel Clube”, 1937, autor desconhecido. Fonte: *Álbum de Fotografias sobre o Planejamento e Construção da cidade de Goiânia.*

Anais do

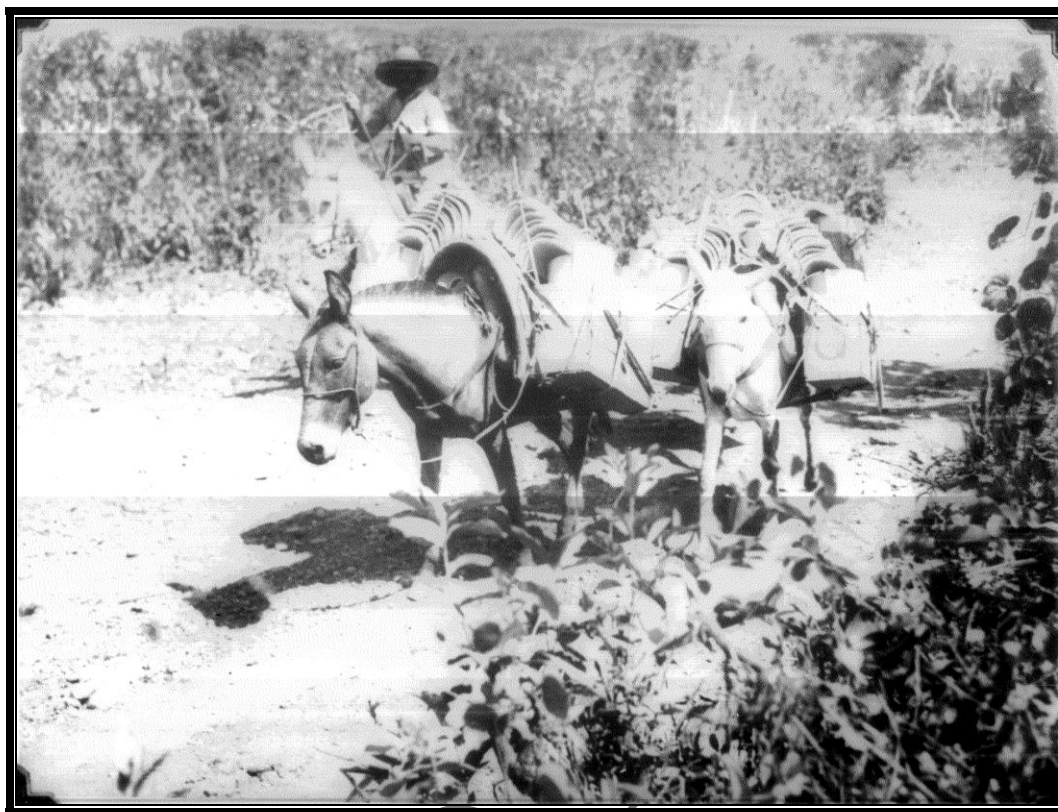


Imagem 2: “Goiáz – O transporte na velha capital”, 1937, autor desconhecido. Fonte: *Álbum de Fotografias sobre o Planejamento e Construção da cidade de Goiânia*.

As legendas foram fundamentais para distinguir fotografias da “velha capital”, “antiga capital” ou “ex-capital” das de Goiânia. Pode-se afirmar, por inferência que esses adjetivos, *velha* e *antiga*, procuraram classificar Vila Boa como uma capital que estava definitivamente sepultada após a transferência da capital, em 1935. A cidade, que desde o século XVIII havia sido a mais importante da região, deveria ser um capítulo deixado para trás. No máximo, relegada aos livros de história.

Nas imagens do Automóvel Clube, inaugurado em abril de 1935, que teve como principais atividades reunir associados; proporcionar-lhes atividades de lazer e convívio e, promover ao máximo, o desenvolvimento dos meios de transporte. Foi um dos primeiros prédios de baixo gabarito construídos pelo Estado, situado na Avenida Anhanguera, uma das mais arborizadas e alargadas da cidade.

Após a apresentação dessas imagens do **Automóvel Clube** o álbum apresenta uma imagem com o título “**Goiáz – O transporte na velha capital**” vêm-se três animais, sendo

um cavalo que serve de transporte ao vaqueiro, e duas mulas que carregam telhas de barro, no meio de uma trilha feita, possivelmente dentro de uma mata.

O que essas duas imagens possuem em comum? Em que sentido elas podem contrapor-se uma à outra? Qual a relação que pode existir entre duas imagens produzidas em lugares tão diferentes e com temas semelhantes? Perguntas que somente podem ser respondidas após a análise dos recursos formais e da inserção dessas imagens em contextos significativos.

Com relação à recorrência dos recursos formais percebe-se que na fotografia do prédio do **Automóvel Clube** a abrangência espacial é de *vista parcial*, com a articulação dos planos na direção horizontal, com *efeitos de fragmentação* com contextualização espacial. Apesar do edifício estar isolado do restante da paisagem é possível identificá-lo por completo e inseri-lo no contexto urbano; *singularidade*, pois não há profusão de outros elementos icônicos que perturbem a identificação do edifício; *repouso*, porque não existe movimentação de transeuntes e nem de outro elemento móvel.

O efeito *fragmentação com contextualização* tem como característica icônica, contribuir para a harmonia da paisagem. Isso ocorre porque as edificações apresentadas com esse efeito estão direta ou indiretamente inseridas dentro do contexto urbano, fazendo parte de uma mesma lógica de construção da cidade. Esse recurso é, no caso do álbum, associado à singularidade e ao nivelamento, que também são importantes para a harmonia e estabilidade dos elementos figurativos apresentados.

Sendo a imagem um índice para a observação da sociedade, a utilização desses recursos aponta para determinadas evidências sobre a dinâmica social do período. Nesse sentido, com relação à abrangência espacial da cidade, a vista parcial associada ao efeito de repouso, por exemplo, denota a ausência de movimentação na cidade, assim como indica uma espécie de desertificação do espaço. Isso ocorre porque edifícios, como o Automóvel Clube, estão situados no meio de grandes espaços abertos, evidenciando que a quantidade de áreas verdes é imensamente maior do que a de aéreas construídas.

Ainda na análise dos recursos formais, o edifício de Goiânia recebe o enquadramento do ponto de vista diagonal, com destaque para a natureza integrada à construção, representada

pelo elemento icônico árvore, aumentando o grau de embelezamento da imagem. A estrutura da fotografia obedece ao nivelamento dos elementos icônicos, reforçado pela linha do horizonte na metade superior da imagem e em formato de retângulo horizontal. Todos atributos que favorecem a harmonia e o embelezamento da paisagem.

Diferentemente da imagem de Vila Boa, que possui o efeito visual de fragmentação com completa descontextualização. Ou seja, os elementos figurativos, animais, vaqueiro e mata, são apresentados isoladamente do restante da paisagem, não proporcionando condições de determinar se, se trata de um espaço urbano ou rural. Apesar da identificação da vegetação indicar que se trata de uma mata típica do cerrado – galhos retorcidos, folhas pequenas e secas, plantação rasteira.

Entretanto, apesar de compartilhar de alguns atributos formais semelhantes como a singularidade, o ponto de vista central e direção horizontal, a fotografia dos animais que representa o meio de transporte na “Antiga Capital”, com o título **“Goiaz – O transporte na velha capital”**, não possui linha do horizonte, o que provoca a sensação de instabilidade na sua visualização.

A cena apresentada (na foto Goiaz – O transporte na velha capital), restringe-se aos animais, o elemento natureza aparece de forma oposta à outra imagem, como lugar inóspito e de difícil acesso. A natureza apresentada na referida imagem não coincide com aquela natureza domesticada pelo homem moderno e integrada ao espaço urbano, presente na imagem **Automóvel Clube**. Mas como natureza típica do cerrado, vinculada à idéia de dificuldade de locomoção e de adversidade.

Nas fotografias do Automóvel Clube o que importa é retratar um dos principais edifícios do início da construção, um local destinado à convivência e ao desenvolvimento dos meios de transporte. Ao contrário da fotografia das mulas transportando material de construção, com a legenda: **“Goiaz – O transporte na velha capital”**, o que infere uma certa ironia na diferença de transporte que as duas cidades eram capazes de proporcionar aos seus respectivos habitantes.

O arquiteto-engenheiro Atilio Côrrea Lima, no relatório escrito em 1933, documento que analisou as condições urbanas da antiga capital durante a proposta de transferência,

chegou a afirmar que além da disposição das casas na cidade de Vila Boa de Goiás não proporcionar o contato com a luz solar, o que poderia gerar e agravar doenças, a classe dirigente não fomentava o progresso. O transporte na capital seria outro elemento precário na cidade.

Assim, o edifício do **Automóvel Clube** mesmo que de baixo gabarito é símbolo do crescimento da cidade, da modernização, da criação de espaços necessários ao bom funcionamento das grandes cidades, em contraposição à figura dos animais guiados por um vaqueiro presentes na foto **“Goiáz – O transporte na velha capital”**. Em síntese essa última foto representava a idéia de atraso e do provincianismo dos meios de transporte na antiga capital do estado. Novamente dois paradigmas se debatem na apresentação visual do *Álbum de Fotografias sobre o Planejamento e Construção da cidade de Goiânia: modernidade e arcaísmo*.

Enquanto meio de documentar o desenvolvimento urbano e a modernidade, houve a necessidade primordial de comparação entre as cidades de Goiânia e Vila Boa, como cidade moderna e cidade arcaica, respectivamente. As fotografias comparadas exemplificaram o modo pelo qual a elaboração do álbum atendeu aos interesses do poder público recentemente instituído, que precisou destituir tradicionais oligarquias da Cidade de Goiás para obter a oportunidade de manter-se na gerência do Estado. Atendeu na medida que vinculou noções que procuravam qualificar a cidade, construída sob sua gerência, como sendo a ideal, a moderna e a planejada.

Estabelecer o novo e rechaçar o antigo foi absolutamente necessário a Ludovico Teixeira, que pretendeu fazer valer sua recente autoridade e sua competência àquele que o nomeou interventor, Getúlio Vargas.

A necessidade da comparação pode ser vista página após página. Pois é comum visualizar uma espécie de *antes e depois* nas imagens que compõem o álbum. No caso de Goiânia, a comparação com Vila Boa foi pautada em quesitos nos quais Goiânia iria ganhar.

Referência bibliográfica

Álbum Gráfico do Estado de Matogrosso. S.I.s.n., 1914.

- ALVAREZ, Geraldo Teixeira. *A luta na epopéia da construção de Goiânia: uma obra da engenharia nacional*. Rio de Janeiro: Gráfica do Brasil, 1942.
- ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões: entre a história e a memória*. Bauru (SP): EDUSC, 2000.
- BACZO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. vol. 05. Porto: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1996.
- BALANDIER, Georges. *O Poder em Cena*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.
- BERNARDES, Genilda Darc. *Goiânia, Cidade Planejada/Cidade Viva: Discurso e Cultura da Modernidade*. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília. Brasília: 1998.
- BORGES, Barsanufio G. *Goiás nos quadros da economia nacional: 1930-1960*. Goiânia Editora: UFG, 2000.
- COELHO, Gustavo Neiva. A art déco e a política modernizadora na fundação de Goiânia. In: BOTELHO, Tarcísio R. (org.). *Goiânia: Cidade pensada*. Goiânia. Ed. UFG, 2002.
- COSTA, Maria Beatriz Ribeiro. *A revolução de 1930 e a Revista Oeste na consolidação de Goiânia: do bandeirismo utópico à concretização do discurso*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1994.
- CHAUL, Nasr Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Editora da UFG/ Editora UCG, 2001.
- DAHER, Tânia. *Goiânia: uma utopia européia no Brasil*. Goiânia: Ed. Centro-Brasileiro de Cultura, 2003.
- GOIÂNIA. Prefeitura Municipal. Assessoria Especial de Cultura. *Memória Cultural: ensaios da história de um povo*. Goiânia, 1985.
- GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. *A construção do espaço urbano de Goiânia (1933-1968)*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2002.
- JOLY, Martine. *Introdução á análise da imagem*. Campinas (SP): Papirus: 1996.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ed. Ática, 1989.